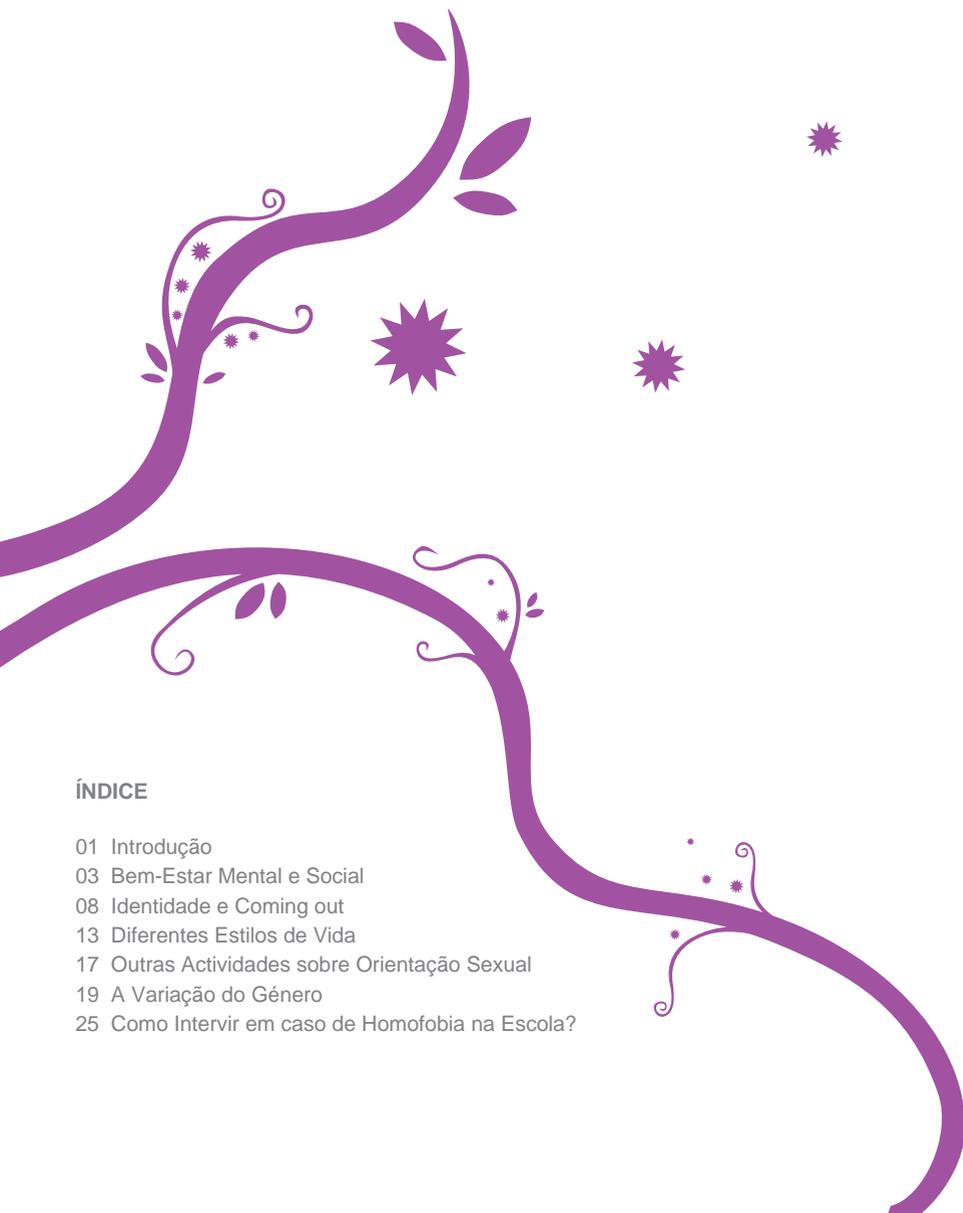


EDUCAR PARA A DIVERSIDADE

Um Guia para Professores sobre Orientação Sexual e Identidade de Género





ÍNDICE

- 01 Introdução
- 03 Bem-Estar Mental e Social
- 08 Identidade e Coming out
- 13 Diferentes Estilos de Vida
- 17 Outras Actividades sobre Orientação Sexual
- 19 A Variação do Género
- 25 Como Intervir em caso de Homofobia na Escola?

Introdução

A homofobia e a transfobia interferem no desenvolvimento saudável de todos os jovens, mas em particular no daqueles que têm de lidar com questões ligadas à sua orientação sexual ou identidade de género. A escola é um dos muitos lugares onde jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros sentem os efeitos da homofobia e da transfobia, respectivamente. Esta brochura foi concebida não só para oferecer recursos adequados aos agentes educativos, mas também para oferecer sugestões práticas para a redução da homofobia e da transfobia nas escolas. O objectivo final é garantir a segurança e bem-estar de todos os estudantes.

Se é professor...

Para além das várias informações que poderão ser úteis para criar um ambiente seguro na escola, esta brochura inclui também uma série de exercícios que poderá utilizar na sala de aula. Estes encontram-se nas secções intituladas “Actividades”. Se tiver alguma dúvida sobre os mesmos, contacte a rede ex aequo, por favor.

Se é psicólogo da escola...

Esta brochura poderá ser útil não só para lidar com alunos que o/a abordem sobre estas questões, como também para orientar professores, directores de turma e administradores escolares na forma de actuar perante situações referentes a estes temas. Se tiver alguma dúvida, contacte a rede ex aequo, por favor.

Se é administrador escolar...

Para criar um lugar seguro para a aprendizagem dos estudantes lésbicas, gays, bissexuais ou transgéneros poderá encontrar algumas sugestões na secção “Guia de Intervenção do Administrador”. Em caso de dúvida, contacte a rede ex aequo, por favor.

Se és estudante...

Se a informação contida nesta brochura abordar assuntos que te preocupam e não existir nenhum professor ou psicólogo a quem possas recorrer de modo seguro, contacta a rede ex aequo, por favor.

Nota final

Sugerimos a leitura complementar da brochura “Perguntas e Respostas sobre Orientação Sexual e Identidade de Género”, concebida especialmente para alunos e muito útil para obter informações básicas sobre as questões abordadas nesta brochura.

Porque é que se deve preocupar

A orientação sexual é uma questão de grande importância pessoal para uma série de adolescentes e jovens. Investigadores e cientistas sociais estimam que 1 a 3 em cada 10 estudantes é gay, lésbica ou bissexual, ou têm um parente directo que é. Isto significa que entre 3 a 9 alunos em cada turma de 30 têm experiência directa com questões relacionadas com a homossexualidade e a homofobia. Embora o número de jovens transgéneros seja significativamente menor, esta é também uma questão crucial no âmbito do espaço escolar.

A escola tem o dever de contribuir para um aumento e fortalecimento da auto-estima de todos os alunos, independentemente da sua orientação sexual ou identidade de género. É também, por excelência, um local que se espera que veicule informação correcta.

Porventura a razão mais forte para as escolas lidarem com questões de orientação sexual e de identidade de género de forma directa é que são os próprios jovens que o pedem. O silêncio sobre estes assuntos é uma forma tão clara de veicular valores, tal como é dar-lhes resposta. Os valores que devem ser ensinados são aqueles que afirmam o respeito pelo outro e o interesse manifesto pelos sentimentos dos outros, independentemente das suas diferenças.

Fonte: *Creating Safe Schools for Lesbian and Gay Students: A Resource Guide for School Staff*. Youth Pride, Inc. <http://www.youthpride-ri.org>. (Traduzido e Adaptado)



1. BEM-ESTAR MENTAL E SOCIAL

Antes de tudo

Até ao século XIX, a homossexualidade era exclusivamente tida como uma questão de moralidade e teologia. Foi depois abordada por vários ramos da ciência e da medicina e foi definida como uma patologia: uma doença psicológica e fisiológica. Cientistas da saúde mental procuraram a causa da orientação homossexual e tentaram “tratá-la”. O objectivo destas intervenções, denominadas “terapias reparadoras” era mudar a atracção física, emocional e psicológica do paciente por pessoas do mesmo sexo, para o desejo pelo sexo oposto – em muitos casos através de métodos cruéis, como a utilização de choques eléctricos. Como é evidente, estas terapias não alteravam a orientação sexual de ninguém, tendo frequentemente consequências trágicas e negativas.

O absurdo de definir a homossexualidade como uma patologia foi oficialmente reconhecida em 1973 quando a Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association – APA) retirou a homossexualidade da sua lista de doenças. Em 1993, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a homossexualidade uma variante natural da sexualidade humana. Hoje, as associações de saúde mental credíveis já não praticam “terapias reparadoras” ou qualquer outro tipo das chamadas “curas” para a orientação homossexual, uma vez que a homossexualidade não é uma doença. Desde meados dos anos 70, o interesse médico e psicológico tem sido concentrado no apoio a homens gays e mulheres lésbicas para a compreensão e aceitação da sua orientação sexual como sendo parte de si mesmo. Este trabalho é feito, em parte, através de estratégias em desenvolvimento que constroem uma auto imagem positiva, ajudando gays e lésbicas a lidarem com os preconceitos e com a discriminação.

Gays, lésbicas e bissexuais de outros grupos minoritários enfrentam mais desafios ainda: têm de lidar com conflitos ligados ao facto de pertencerem a comunidades diferentes onde se podem sentir como forasteiros. Jovens de outros grupos minoritários podem considerar erradamente a sua orientação sexual como sendo incoerente com os padrões da sua comunidade, podendo, desta forma, acreditar que devem escolher entre os dois. Numa sociedade onde género, origem, orientação sexual, idade, capacidades físicas e opiniões religiosas são todas base de discriminação, os jovens precisam de aprender como transformar uma identidade estigmatizada numa identidade positiva.

Informação básica

Devido ao medo do estigma e da discriminação na vida real, jovens que se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo podem estar mais susceptíveis de sofrer uma série de problemas psicológicos: stress crónico, depressão e risco de suicídio, opressão e abuso, distúrbios alimentares, abuso de substâncias e desordens psicossomáticas são alguns exemplos. Contudo, é importante notar que alguns dos jovens irão padecer de um ou mais destes problemas, enquanto outros não irão sofrer nenhum. Sentimentos homossexuais nem sempre levam a riscos! Um grande desafio para todos os adolescentes é a aceitação de si próprio. Alguns têm tanto medo do estigma social da homossexualidade que o seu medo toma força própria e pode desenvolver problemas do foro psicológico. Em alguns casos, contudo, o medo de reacções extremamente negativas pode ser realista, especialmente no seio de algumas comunidades ou famílias homofóbicas.

Problemas de aceitação da sua orientação sexual por parte de jovens gays, lésbicas ou bissexuais podem ser classificados em 3 níveis:

- 1) Problemas de aceitação menos complicados** (indivíduos jovens, uma boa rede social criada, o apoio de amigos e família);
- 2) Problemas de aceitação complicados** (indivíduos com uma rede social sub-ótima, imagem negativa de si próprio, medo de contacto com outras pessoas homossexuais, homofobia interiorizada, família religiosamente severa);
- 3) Problemas de aceitação muito complicados** (problemas mentais e psiquiátricos como depressão, tentativas de suicídio e problemas de ansiedade, problemas tão graves que retiram prioridade aos problemas de aceitação e necessitam de ser tratados em primeiro lugar).

A visibilidade é outro desafio para os jovens. O coming out (assumir-se a si mesmo e/ou aos outros) pode levar a um período crítico. Revelar a homossexualidade aos pais pode causar tensões na família. As redes sociais são muito importantes, porque podem proteger o adolescente do desenvolvimento de problemas psicossociais. Essas redes podem ser feitas com base nos membros da família, amigos, professores, entre outros.

Para os jovens, as primeiras experiências sexuais podem ocorrer quando menos esperam. Como as experiências homossexuais não fazem parte da educação sexual em casa e, regra geral, não fazem parte do currículo escolar de educação sexual, os jovens gays e lésbicas estão menos informados. A educação sexual deveria incluir aspectos que lhes são específicos. Informações sobre sexo seguro e saúde em geral (bom uso do preservativo e lubrificante, prevenção geral de cancro feminino) são tão importantes como a informação que geralmente damos sobre contraceção.

O que é que isto significa para mim?

Adolescentes gays, lésbicas ou bissexuais que sofrem discriminação devido à sua orientação sexual irão beneficiar de informações mais precisas, apoio dos seus pares e intervenções de apoio para os ajudar a aceitar, com sucesso, a sua orientação sexual.

É muito importante tornar disponível informações objectivas e verdadeiras sobre o tópico da homo e bissexualidade. Essa informação deve incluir formas de prevenção de problemas de saúde para jovens gays/lésbicas e bissexuais, de maneira a que professores e psicólogos se possam familiarizar com as instâncias de alto risco. Uma outra hipótese é a inclusão de informações reais sobre experiências homo e bissexuais nas aulas e nas matérias de ensino escolar que, regra geral, abordam apenas experiências heterossexuais.

Grupos de apoio são o recurso mais valioso para adolescentes gays, lésbicas e bissexuais, pelo menos para os mais jovens que lidam com problemas de aceitação menos complicados. A experiência de socialização para estes jovens poderá incluir a aprendizagem através de adultos gays, lésbicas e bissexuais competentes. A atenção deve então ser posta na importância das redes sociais para os jovens homossexuais. Professores e psicólogos podem ter um papel no apoio a estes adolescentes ao impedir o seu isolamento social (informando os jovens gays, lésbicas e bissexuais da existência de outros grupos gays, lésbicos e bissexuais), o seu isolamento emocional (criando empatia com a juventude gay, lésbica e bissexual) e o seu isolamento cognitivo (dando informação sobre a homossexualidade). Desta maneira, os agentes educativos e os psicólogos podem ajudar a prevenir problemas psicossociais.

Os conselheiros, no espaço escolar, podem ter um papel importante ao ajudarem os jovens a explorar as suas dúvidas sobre o HIV e sexo seguro. Se um jovem homossexual ou bissexual se sentir mal com a sua sexualidade, poderá não tomar precauções para se proteger quando tiver relações sexuais. Uma baixa auto-estima afecta a confiança na negociação de um relacionamento seguro.





A ter em mente



Como posso mudar a atitude dos meus alunos em relação à homossexualidade e, ao mesmo tempo, dar apoio aos estudantes gays, lésbicas e bissexuais? Posso convidar uma pessoa lésbica, gay ou bissexual assumida para falar com os alunos? Irão os pais e outros estudantes criticar esta iniciativa? Como irei sentir-me se tiver um aluno gay, lésbica ou bissexual assumido na turma? O que irão os jovens sentir? Irá essa pessoa ser troçada, ofendida ou até mesmo atacada pelos outros? Como é que os posso fazer sentir bem-vindos?

Mostre à turma filmes com personagens gays, lésbicas ou bissexuais seguros de si ou convide pessoas que sejam lésbicas/gays/bissexuais assumidas para falarem à turma. Aliás, existem grupos com projectos especializados na formação de alunos em assuntos gays e lésbicos na escola ou em centros de juventude. Esta pode ser uma estratégia de sucesso. De facto, de acordo com a “hipótese de contacto” de Allport, quando grupos diferentes entram em contacto um com o outro, o preconceito é reduzido significativamente. Para além disto, este tipo de contacto pode também oferecer um modelo positivo aos jovens lésbicas, gays e bissexuais, o que é importante para a sua auto-estima.

Como é que me devo sentir quando os meus alunos usam a palavra ‘bicha’ ou ‘fufa’ como um insulto? Quando é que tais palavras são adoptadas e em que contexto? A quem se destinam? Qual é o seu verdadeiro significado? Devo ignorar isto ou será melhor intervir?

Mesmo quando as palavras não são destinadas a ofender alguém é, contudo, verdade que “bicha” ou “fufa” possuem uma conotação que é depreciativa para todos os homossexuais. Estas palavras – que normalmente são ditas da boca para fora, sem pensar – podem ser usadas como ferramentas de trabalho. Terão os alunos parado para considerar o porquê do uso de uma palavra desagradável em vez de qualquer outra? Faça-os pensar quem poderão estar a ofender quando usam tais palavras.

Actividades

Falar sobre a “Normalidade”

Objectivo: Distinguir as noções estatística, legal e moral de “normalidade”, demonstrando que a “normalidade” é um conceito, não só relativo como histórico. Como segundo objectivo, lembrar os alunos de que a homossexualidade já foi considerada uma doença e de que há culturas para as quais a verdade é ainda essa, o que afecta a saúde psicofísica das pessoas dessas culturas.

Método: Todos devem preencher um formulário onde são descritos alguns comportamentos ou situações (masturbação, casamento homossexual, não comer carne de porco, doenças, handicaps físicos, idade, entre outras, por exemplo). Eles deverão dizer se estes comportamentos são “normais” ou não.

Nota: Este é um exercício introdutório.

Discussão de Ideias sobre Saúde

Objectivo: O grupo é convidado a discutir o tópico da saúde e o seu significado. Faça ver que a “saúde” não diz apenas respeito ao corpo, mas também à qualidade da relação do indivíduo com o seu ambiente social e a sua capacidade de lidar com problemas. O estigma pode afectar a auto-estima, tendo impacto na saúde do indivíduo. Grupos estigmatizados têm menos recursos sociais para lidar com estes problemas.

Método: Perguntar à turma o significado da palavra “saúde”. Recolher todas as respostas, discutindo-as primeiro em pequenos grupos e depois em conjunto.

Nota: Os participantes devem estar familiarizados com os conceitos de “estigma” e de “discriminação”.

Educação Sócio-Afetiva: “Sabemos discutir bem?”

Objectivo: Ensinar os jovens a exprimir os seus sentimentos e a relacionarem-se com os outros, em particular com aqueles que são “diferentes”. A saúde psicofísica depende da nossa capacidade para nos relacionarmos com os outros.

Método: Para nos sentirmos bem connosco e nas nossas relações com os outros, precisamos de aprender a comportarmo-nos quando estamos a discutir, ou seja, a fazê-lo sem ofender ou desrespeitar os outros. O professor deve perguntar à turma se é possível “discutir em paz”. Se sim, de que forma deveria ser feito? Um dos pontos principais a considerar deverá ser o uso do “Eu” em vez do “Tu” numa discussão, e a par disso o uso dos sentimentos pessoais como um ponto de partida para uma discussão difícil, de maneira a que o outro não se sintá atacado. É importante que todos possam falar livremente e sem apreensões ou preconceitos.

Nota: Este é um exercício introdutório.

Discussão de Grupo: Os Efeitos dos Juízos das Pessoas no Bem-estar de Alguém

Objectivo: Pôr em evidência o efeito dos juízos sociais

Método: Ler o extracto do livro de Toni Morrison, *The Bluest Eye*, onde a personagem principal, de origem africana, diz que quer ter olhos azuis (ou então encontrar outro livro com uma situação equivalente). Perguntar ao grupo porque é que a personagem quer ter uma cor de olhos diferente. Será que os olhos azuis são melhores que os castanhos? Onde é que ela aprendeu que os olhos azuis são melhores? Que portas é que se abrem por se ter olhos azuis? Quais são as vantagens de se ter olhos azuis?

Nota: Seria interessante se os alunos lessem todo o livro. A história pode também ser lida em voz alta pelo professor, que depois discutirá com os alunos.

Perguntas Frequentes sobre Questões de Saúde

Qual é o impacto emocional de um insulto verbal?

Há um provérbio italiano que diz que “mais fere a palavra que a espada afiada”. Na prática, um insulto verbal tende a gozar, desprezar e/ou negar parte da identidade de alguém, o que pode causar vergonha e culpa, afectando a auto-estima da vítima do insulto. No caso das pessoas homossexuais, os insultos verbais afectam a sua identidade sexual, o que pode causar um processo de coming out particularmente duro. Se um professor for indiferente ao uso de insultos verbais, aqueles que os proferiram podem acreditar que estão autorizados a continuar a fazê-lo e as vítimas sentir-se-ão desprotegidas.

Um dos meus alunos, que eu penso ser gay, está a atravessar uma fase difícil, mas não fala comigo sobre o assunto. Eu acho que ele não se consegue aceitar a si mesmo. Devo encaminhá-lo para um psicólogo?

Às vezes pequenos actos podem constituir um grande apoio para um estudante. Nalguns casos, um professor compreensivo pode ajudar mais que um profissional de saúde mental. O professor pode abordar o tema da homossexualidade ao ensinar literatura, apresentando, por exemplo, autores ou personagens gay ou lésbicas, evidenciando indirectamente uma atitude positiva em relação à homossexualidade. O aluno perceberá seguramente a ideia e sentir-se-á mais confiante.

É verdade que lésbicas, gays e bissexuais têm mais problemas psicológicos do que indivíduos heterossexuais? Se sim, por que razão?

Lésbicas, gays e bissexuais não são mais propensos a problemas mentais do que os heterossexuais.

Contudo, visto que vivem habitualmente em ambientes que não aceitam a sua identidade, sofrem maior desgaste psicossocial. Lésbicas, gays e bissexuais que foram discriminados nas suas famílias terão provavelmente maiores dificuldades em lidar com o stress. Alguns estudos mostram que a taxa de tentativa de suicídio entre jovens gays e lésbicas é 2 a 3 vezes maior do que entre jovens heterossexuais.

O que devo fazer perante um jovem gay ou lésbica visivelmente deprimido e que penso ter problemas de aceitação? Como devo lidar com a sua homofobia interiorizada?

Primeiro é preciso verificar se a depressão se deve, de facto, a dificuldades de auto-aceitação (homofobia interiorizada) ou se existem outros factores envolvidos. Diz-se que há homofobia interiorizada quando uma lésbica, gay ou bissexual interioriza as mensagens negativas que foi recebendo ao longo da sua vida em relação à homossexualidade, por parte da família, da escola, da igreja e da sociedade em geral. Se se verificar a existência deste tipo de dificuldades, o ideal será, como ponto de partida, perguntar ao jovem quais as opiniões dos seus pais em relação à homossexualidade e o que sentem em relação a isso. Desta forma, os estereótipos interiorizados podem ser explorados. É preciso não esquecer que sempre que a homossexualidade não é aceite por razões culturais ou religiosas, torna-se ainda mais difícil para lésbicas, gays e bissexuais aceitarem-se a si próprios. Nestes casos, um conselheiro pode ajudá-los a repensar a sua própria cultura ou religião de um outro ponto de vista, sem ter de os negar ou rejeitar.

Será que lésbicas, gays e bissexuais de outros grupos culturais correm maiores riscos de ter problemas psicológicos?

Se um gay/lésbica/bissexual pertence a uma cultura que considere a homossexualidade como uma doença, um pecado ou um crime, terá, seguramente, maior dificuldade em se auto-aceitar e menor apoio social da sua comunidade. Poderá ter dificuldade em conciliar diferentes aspectos da sua personalidade (por exemplo ser católico e gay ao mesmo tempo), o que pode fazer com que lhes seja mais difícil contactar instituições que apoiem outros valores culturais. Nalgumas famílias, um filho ou filha pode sentir que traiu a sua família. Como se não bastasse, lésbicas/gays/bissexuais de outras minorias podem enfrentar também alguns obstáculos dentro da população homossexual. Como o resto da sociedade, os homossexuais também podem ser racistas ou xenófobos. Assim sendo, jovens cuja cultura de origem é mais tradicional podem correr riscos de ter problemas psicológicos.

Devo dar informação sobre DSTs e HIV aos rapazes gays e bissexuais?

Os jovens gays ou bissexuais podem correr maiores riscos de contrair o HIV ou doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Contudo, só informá-los dos factos não ajudará muito. O melhor será dar-lhes algumas sugestões práticas. Não se esqueça de realçar os aspectos positivos da sexualidade, mesmo quando se fala de saúde sexual. A troca de experiências com outros jovens gays e bissexuais é difícil, pelo que alguns jovens têm de descobrir tudo por si próprios. Os jovens devem pensar naquilo que realmente querem. Se não quiserem fazer sexo anal ou qualquer outra prática específica, têm todo o direito de recusar. Os limites de ambos os parceiros devem ser respeitados. Se estiverem a considerar realizar um determinado acto sexual, é importante que sintam que podem confiar no parceiro para que se sintam à vontade. Encoraje os jovens a usarem um preservativo apropriado (não os que servem apenas para sexo oral e que são mais finos) e muito lubrificante. Se estiverem a pensar em praticar sexo oral, devem estar conscientes que o sexo oral sem preservativo pode colocá-los em risco de contrair uma DST. Se um jovem contrair uma DST ou tiver qualquer outro problema de saúde, deve consultar um médico o mais rapidamente possível. Não há qualquer razão para se sentir culpado ou envergonhado por causa disto – as DSTs podem ser tratadas.

As jovens lésbicas ou bissexuais estão em risco de contrair o HIV e DSTs?

Apesar do risco de lésbicas contraírem HIV e DSTs ser baixo, ele existe e não deve ser esquecido. Sexo oral durante a menstruação, feridas abertas nas mãos ou a partilha de acessórios sexuais são algumas das formas de transmissão. Existe também o risco de infecção ou doença proveniente de um contacto heterossexual anterior. Muitas mulheres lésbicas ou bissexuais pensam erradamente que não correm quaisquer riscos, mesmo quando têm contactos heterossexuais sem protecção ou consomem drogas. Por este motivo, tendem a não ir ao ginecologista, pelo que correm mais riscos de não descobrir atempadamente cancro feminino quando os contraem. Como prevenção de DSTs, as lésbicas podem utilizar luvas de látex e, para o sexo oral, o quadrado de látex (conhecido como dental dam), um preservativo cortado ao meio ou até mesmo película aderente de cozinha. Estes conselhos também são válidos para o sexo oral em relações heterossexuais.

Fonte: *Different in More Ways Than One. Providing Guidance for Teenagers on Their Way to Identity, Sexuality and Respect. "4 Mental and Social Well-Being".* Ministerium für Gesundheit, Soziales, Frauen und Familie des Landes Nordrhein-Westfalen, D - 40219 Düsseldorf, Germany. <http://www.diversity-in-europe.org>, 2004. (Traduzido e Adaptado)

2. IDENTIDADE E COMING OUT

Contextualização

Uma das principais diferenças entre a homofobia e outras formas de discriminação como o sexismo ou o racismo é que a orientação sexual não é visível a não ser que uma pessoa decida torná-la visível. Os cientistas sociais denominam este fenómeno de “estigma invisível” por oposição ao “estigma visível” como o sexo ou a cor da pele de uma pessoa. Para evitarem possíveis reacções hostis, as lésbicas e os gays têm muitas vezes que optar por esconder a sua homossexualidade.

Coming Out é o termo usado para designar a forma como lésbicas, gays e bissexuais assumem os seus sentimentos, como já foi referido na secção anterior. O coming out é visto como parte de um longo processo mais geral de gestão de identidade – através do qual as pessoas aprendem a lidar com o estigma social ligado aos seus sentimentos –, o que é muito importante para o desenvolvimento de uma auto-estima forte para lésbicas, gays e bissexuais. Este é um processo interactivo complexo que ocorre entre o indivíduo e a sociedade como um todo.

Para as lésbicas e para os gays o coming out não é uma decisão tomada de uma vez para sempre. Trata-se de um contínuo de decisões que começam, regra geral, quando um adolescente reconhece a sua atracção por pessoas do mesmo sexo como uma emoção válida. Segue-se, então, a decisão sobre se deve ou não assumir-se sempre que conhecem uma pessoa.

Informação básica

A puberdade é um momento crucial no desenvolvimento pessoal de cada ser humano. Quando os adolescentes heterossexuais começam a experimentar a sua sexualidade e sentimentos românticos pelo sexo oposto, os adolescentes homossexuais sentem-se postos de parte. As pressões sociais a respeito dos papéis de género são extremamente fortes e as pessoas cuja identidade não se encaixa no modelo dominante têm a sensação de não ter um lugar no seu mundo, podendo sentir-se sozinhos, confusos, “anormais”, o que pode, por vezes, levá-los ao suicídio. Desapoiados, algumas lésbicas e gays sentem-se forçados a escolher entre uma vida

- dupla hetero/homossexual ou um coming out público.

O coming out é influenciado por diversas variáveis: sexo, grupo étnico, ambiente (urbano ou rural), valores e atitudes da sociedade contemporânea, aspectos individuais, capacidades físicas e auto-estima.

A forma como as raparigas e os rapazes são socializados nos papéis de género tradicionais tem influência no seu coming out . Como notam muitos psicólogos, regra geral, as raparigas apercebem-se da sua atracção por pessoas do mesmo sexo depois de se apaixonarem de forma romântica ou íntima por outra rapariga. Quanto aos rapazes é mais comum aperceberem-se da sua atracção por pessoas do mesmo sexo após uma atracção sexual mais explícita.

Em geral, os modelos sociais para lésbicas, gays e bissexuais não são por si muitos, mas o problema pode ter ainda maior expressão no caso das minorias étnicas. Quase não existem figuras públicas de minorias étnicas abertamente homossexuais com as quais os jovens se possam identificar. A falta de modelos sociais contribui para sentimentos de isolamento e fraca auto-estima entre muitas lésbicas e gays. Ser lésbica e gay quando se pertence, simultaneamente, a uma minoria étnica significa que se terá de enfrentar uma dupla discriminação. Uma lésbica negra, por exemplo, poderá ter que lidar com racismo, sexismo e homofobia.

Há, no entanto, uma diferença entre o estatuto minoritário relacionado com a orientação sexual de alguém e o estatuto ligado à origem étnica. Lésbicas e gays nascem e crescem em famílias que não prevêem a sua orientação sexual e, muitas vezes, reagem negativamente (medo, nojo, ódio, sentimento de culpa). Os pais das lésbicas e dos gays lamentam-se frequentemente sobre a vida heterossexual que eles tinham imaginado para os seus filhos. Quanto à origem étnica, a família pode demonstrar um grande orgulho no seu passado cultural e desta forma apoiar e fortalecer a criança na sua identidade.

O que é que isto significa para mim?

Educadores e conselheiros escolares devem estar cientes de que o coming out é uma escolha pessoal e um processo contínuo, pelo que é importante respeitar as decisões do jovem. Por forma a tornar disponível o apoio adequado é preferível criar um ambiente seguro de empatia propício a que os jovens falem livremente das suas necessidades. Os jovens devem ser apoiados e investidos de capacidades para gerirem os seus sentimentos e a sua identidade. Um conselho útil é respeitar as emoções de cada jovem, aceitando-o como é. Os conselheiros e agentes educativos devem aceitar a auto-definição do jovem sem a questionar. Lembre-se, no entanto, de que há um pequeno número de pessoas que têm relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, mas não se definem como homossexuais. É pois importante perceber exactamente o que os jovens querem dizer quando falam de si (i.e. porque é que não se identificam como homossexuais).

A ter em mente

- O que é que pensa dos alunos realizarem o seu coming out numa aula sua? É algo que considera importante para alunas lésbicas ou alunos gays? Tem medo do que possa acontecer? Seria capaz de uma resposta positiva numa situação deste tipo?
- Nenhum adolescente deve ser forçado a assumir-se perante os seus colegas. Essa tem de ser uma decisão do próprio jovem, pois irá afectar profundamente a sua vida.
- Pense nas dificuldades enfrentadas por pessoas de diferentes meios culturais durante o processo de coming out .
- Pense como reagiriam os seus alunos ao coming out de um dos seus colegas. Qual seria o ambiente na sala de aula? Será que algum aluno alguma vez ousaria assumir a sua homossexualidade?
- Se pensa que, em princípio, o coming out já não é um problema no contexto da sua escola, consegue identificar os 5% a 10% de alunos(as) lésbicas e gays que nela estudam?
- Sabe porque é que os seus alunos poderão reagir negativamente a este tema? Lembre-se de que eles estão preocupados em tentar construir a sua própria identidade e pode ser perturbador verem-se confrontados com alguém que não segue o caminho da maioria, o que põe em causa a direcção do seu próprio desenvolvimento.

Jogo Eu/Eu-Não

Objectivo: Experimentar as diferentes nuances de se pertencer a uma maioria ou minoria. Descobrir diferenças e semelhanças.

Método: Prepare uma lista de perguntas do tipo “Quem...” (por exemplo, “Quem é que, pelo menos uma vez na vida, já fumou?”, “Quem é que já andou de autocarro sem pagar bilhete?”, “Quem é que já beijou uma rapariga?”, “Quem é que já beijou um rapaz?”, “Quem é que conhece pessoalmente uma rapariga/mulher lésbica ou um rapaz/homem gay?”, “Quem é que entraria num café para lésbicas?”, “Quem é que iria a uma discoteca gay?” e outras perguntas relacionadas com amor, companheirismo e sexualidade). Os participantes andam pela sala e são-lhes feitas estas perguntas. Marcam-se duas paredes opostas da sala de aula com as duas respostas possíveis “Eu” e “Eu Não”. Não há mais nenhuma hipótese de resposta. Desafiam-se os participantes a escolher um dos dois lados, mesmo que seja difícil. Pede-se aos alunos que não falem nem façam comentários durante o exercício. A ideia do exercício é que os participantes se apercebam da situação em que se colocam sempre que respondem a uma pergunta e que observem a distribuição das pessoas pela sala. Depois de cada pergunta os participantes têm de se separar em dois grupos: num lado aqueles que responderam “Eu”, do lado oposto os que responderam “Eu Não”. Cada participante olha para quem está do outro lado e para quem está ao seu lado e toma atenção ao que está a sentir. Alguns momentos depois, toda a gente volta a andar pela sala até ser feita a próxima pergunta. Nota importante: pode-se mentir, o que significa que ninguém é forçado a responder a verdade a nenhuma pergunta. A última pergunta deve ser, por isso: “Quem é que mentiu pelo menos uma vez durante este jogo?”. Depois do tempo de perguntas deverá haver um tempo de discussão em grupo em que os participantes falam do que sentiram durante o exercício, se se aperceberam de alguma coisa em especial ou se, em algum momento, se sentiram surpreendidos.

Nota: Através deste jogo, os participantes poderão viver por instantes a situação de lésbicas, gays e bissexuais que escondem uma parte importante das suas vidas. É importante que o professor também participe e responda às perguntas deslocando-se para um dos lados da sala de aula. O professor deverá responder a todas as perguntas, inclusivamente à última: “Quem é que não disse a verdade pelo menos uma vez durante este jogo?”, à qual deve responder “Eu”, caso contrário a maioria dos alunos não terá coragem para assumir que mentiu.

Adivinhar VIPs

Objectivo: Descobrir porque é que a orientação sexual dos outros interessa às pessoas.

Método: Os participantes têm de referir VIPs (*Very Important People* – figuras públicas: estrelas de rock, actores, políticos, etc.) que saibam ou julguem ser gays, lésbicas ou bissexuais. Como é que souberam? A carreira dessas figuras públicas foi afectada depois da sua orientação sexual se ter tornado pública? Foi essa figura pública que decidiu assumir-se publicamente? Porque é que informação deste tipo interessa aos participantes?

Nota: O professor não precisa de saber se a figura pública referida pelos alunos é de facto gay/lésbica ou não. O exercício é mais sobre como é que alguém sabe (ou pensa que sabe) que uma figura pública é, por exemplo, lésbica e porque é que isso interessa ao público em geral. É muito importante sublinhar que o objectivo deste exercício NÃO é revelar a orientação sexual de qualquer figura pública.

Imagina...

Objectivo: Perceber porque é que o processo de coming out pode ser muito difícil para lésbicas, gays e bissexuais.

Método: Os alunos dividem-se em pequenos grupos de rapazes ou raparigas. Nestes grupos têm de imaginar o que mudaria na sua vida se fossem gays ou lésbicas. Dê tempo aos pequenos

grupos para que pensem no assunto. Como é que lidariam com isso? Como reagiriam os seus amigos? Essas reacções seriam positivas ou negativas? Porquê? Porque é que não?

Nota: Este exercício pode ser embaraçoso para alunos homossexuais, particularmente se não se assumiram ainda, devendo por isso ser proposto com cuidado. Se alguém tiver dificuldade em se imaginar gay, diga-lhe para imaginar que toda a gente era homossexual e apenas um pequeno grupo de pessoas era heterossexual. Como é que seria para essas poucas pessoas? Sugestão alternativa: proponha a leitura de um fragmento de uma autobiografia de um autor gay ou de uma autora lésbica (por exemplo, *Antes que Anoiteça* de Reinaldo Arenas).

Perguntas Frequentes sobre Identidade e Coming Out

Como é que os jovens tomam consciência de que são gays, lésbicas ou bissexuais?

A maior parte dos gays, lésbicas e bissexuais apercebem-se disso da mesma forma que os adolescentes heterossexuais se apercebem de que os seus sentimentos românticos e o seu desejo sexual se dirigem aos indivíduos do sexo oposto. Este processo começa mais cedo do que se possa pensar, mas, regra geral, ocorre no início da puberdade. Nalguns casos o reconhecimento destes sentimentos leva mais tempo, em particular quando estes são reprimidos.

Como é que o ambiente social reage quando uma pessoa se assume?

Não há respostas cabais a esta pergunta, pois cada caso é um caso. Se uma jovem lésbica ou um jovem gay pensa que a homossexualidade é algo de que se deve envergonhar, há grandes hipóteses de que a sua homofobia interiorizada provenha de um ambiente social e familiar pouco compreensivo e que o seu coming out seja acompanhado de reacções hostis. Por outro lado, se o jovem tem uma mente aberta e se sente à vontade, o mais provável é que o meio em que vive também responda positivamente.

Porque é que se é gay, lésbica, hetero ou bissexual?

Ainda não há respostas científicas exactas a esta pergunta. Hoje em dia, a explicação dada habitualmente aponta para a genética, combinada com possíveis influências ambientais, mas ninguém sabe exactamente. A orientação sexual pode ser resultado de uma mistura complexa de factores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Porém, muitos investigadores consideram que, regra geral, a orientação sexual se encontra já definida nos primeiros anos de vida. Por outro lado, podemos-nos questionar sobre o porquê de nos preocuparmos tanto com as causas da homossexualidade e nunca com as da heterossexualidade.

Como devo lidar com um jovem que se assume na sala de aula?

É raro acontecer um adolescente assumir-se na sala de aula. No entanto, se acontecer, é importante falar do assunto tão abertamente quanto possível em frente à turma. Deve consultar-se o aluno em questão com antecedência, e verificar se ele se sente bem com isso. Durante a discussão da questão na sala de aula, não se refira directamente ao aluno que se assumiu, fale antes em termos gerais. Aprofundar o conhecimento geral sobre gays, lésbicas e bissexuais é um aspecto crucial no combate à sua exclusão.

A ter em mente

- Como é que vê os efeitos da discriminação num jovem adolescente gay ou lésbica? O que é que significa ter desejos homoeróticos no contexto cultural particular desse jovem?
- O que é que pensa sobre a orientação sexual? “Orientação” é para si sinónimo de “preferência”, “identidade”, “rotulagem” ou “comportamento”, ou normalmente distingue estes vários aspectos?

- Esteja atento ao que vai dizer da próxima vez que falar sobre homossexualidade. Sente-se à vontade quando refere os conceitos mencionados acima e tem-nos em consideração?
- Por exemplo, como é que lidaria com um rapaz que tem relações sexuais com outros rapazes mas que, apesar disso, se define como heterossexual? Considerá-lo-ia um rapaz gay incapaz de se aceitar a si próprio ou apenas um jovem à procura da sua própria identidade?
- Os conselheiros escolares podem estar conscientes das dificuldades enfrentadas pelos jovens adolescentes de cultura ocidental, mas até que ponto estão informados das dificuldades que um adolescente gay ou lésbica pertencente a uma minoria étnica tem de enfrentar?
- Qual é a sua atitude em relação ao processo de coming out? Considera-o importante? Como é que lidaria com um jovem adolescente gay ou lésbica com receio de se assumir?

Actividades para trabalho com Jovens Lésbicas, Gays ou Bissexuais

Uma Mulher Lésbica/Um Homem Gay é...

Questão: A homofobia interiorizada impede gays, lésbicas e bissexuais de se sentirem à vontade com a sua própria identidade e leva-os a manter a todo o custo a sua orientação sexual em segredo.

Método: Peça ao jovem que diga o seguinte em voz alta: “uma mulher lésbica/um homem gay/um(a) bissexual é...”, pedindo-lhe para completar a frase com as primeiras coisas que lhe vierem à cabeça. O aluno deverá repetir o exercício várias vezes até que se obtenha uma série de frases diferentes com que trabalhar. Este exercício permite que o jovem se aperceba dos estereótipos e preconceitos que tem interiorizados. Por exemplo, é muito natural que uma jovem lésbica diga o seguinte ao psicólogo escolar: “uma mulher lésbica não é... feminina, é nojenta”.

Nota: Antes de propor este exercício é necessário criar um ambiente que ajude o jovem a sentir-se à vontade e a ser franco(a). Pode ser útil começar por dizer ao aluno que tudo o que ele possa dizer é válido.

As Duas Cadeiras

Objectivo: Trabalhar as indecisões de um indivíduo sobre se se deve ou não assumir. O objectivo do exercício é identificar as razões pelas quais uma pessoa opta (ou não) por se assumir. Os sentimentos associados a essas razões também são abordados.

Método: Coloque uma cadeira em frente ao jovem e peça-lhe que imagine que uma parte dele/dela está lá sentado(a), a parte que está indecisa se deve ou não assumir-se e que o(a) leva a esconder a sua orientação sexual. O aluno terá de “pensar sobre” o seu alter-ego (outro eu). Depois disso o aluno senta-se na outra cadeira e tenta explicar o que sentiu depois de ter ouvido o seu outro eu.

Nota: Certifique-se de que o aluno olha tanto para os aspectos positivos como para os negativos do seu possível coming out. Este exercício poderá ser adequado quando um aluno já se questionou sobre os aspectos cognitivos envolvidos no coming out, mas ainda tem problemas em lidar com aspectos emocionais. Não poderá, no entanto, ser utilizado como primeiro exercício.

Assumir-se à Família

Objectivo: Trabalhar a decisão de se assumir.

Método: Faça com que o/a aluno(a) gay/lésbica imagine que se assume à família. Como é que o faria? O que é que diria? Como é que imagina a reacção dos pais? Como é que ele próprio reagiria se estivesse no lugar dos pais? Como é que ele se sente ao fazer este exercício?

Nota: Não tente convencer o aluno de que se deve assumir. Mesmo que este exercício funcione bem, essa decisão tem de ser tomada pelo próprio aluno. Este exercício concentra-se apenas em aspectos cognitivos.



Perguntas Frequentes sobre trabalho com Jovens Lésbicas, Gays ou Bissexuais

E se um jovem adolescente me perguntar como conselheiro escolar se ele/ela é gay/lésbica? Existem alguns indicadores?

As mulheres lésbicas e os homens gays são um grupo tão heterogéneo como os homens e as mulheres heterossexuais e a homossexualidade não é identificável através de traços físicos ou de personalidade. O conselheiro deverá perguntar ao adolescente aquilo em que está a pensar, para que, sem juízos nem respostas a priori, o possa ajudar. Também pode ser importante perguntar-lhe se tem medo de ser homossexual e, se sim, porque é que tem medo.

Escolhe-se ser gay/lésbica?

Não. Ser homossexual, e não heterossexual, não é uma escolha: a única coisa que um homossexual pode escolher é assumir-se, ou não, perante os outros.

Os pais devem ser responsabilizados pela homossexualidade dos filhos?

Não, de modo algum. Antes de mais a homossexualidade não é algo de que se deva ter vergonha. Mães e pais não têm influência na orientação sexual dos seus filhos ou filhas, mas podem encorajar a sua auto-estima e a sua sexualidade independente. Na verdade, os gays e lésbicas crescem habitualmente com pais heterossexuais e os filhos de casais gays ou lésbicos são, na maior parte das vezes, heterossexuais.

Fonte: *Different in More Ways Than One, Providing Guidance for Teenagers on Their Way to Identity, Sexuality and Respect*. "1 Coming Out and Identities". Ministerium für Gesundheit, Soziales, Frauen und Familie des Landes Nordrhein-Westfalen, D - 40219 Düsseldorf, Germany. <http://www.diversity-in-europe.org>, 2004. (Traduzido e Adaptado)

3. DIFERENTES ESTILOS DE VIDA

Antes de tudo

São diversas as imagens que temos do estilo de vida de gays e lésbicas, mas muitas são distorcidas e preconceituosas. Regra geral, os estereótipos negativos de gays, bissexuais e lésbicas baseiam-se em visões bastante tradicionais do género e da sexualidade.

Entre os estereótipos mais generalizados conta-se a imagem dos homens gays como promíscuos e incapazes de relações duradouras, dos bissexuais como indivíduos bígamos sexualmente descontrolados e das lésbicas como feministas radicais frustradas em relação aos homens. Na Europa, muitas religiões tradicionalistas consideram a orientação homossexual pecaminosa ou como um estilo de vida obcecado com a sedução, aproximando-se de certa forma de um vício.

Muitos destes estereótipos negativos baseiam-se numa imagem muito distorcida e parcial da população lésbica e gay. Quem se opõe a certos estilos de vida tende a realçar selectivamente alguns traços negativos, apresentando-os como escandalosos, esquecendo, e chegando mesmo a negar, os aspectos positivos.

Informação básica

Para lésbicas, gays e bissexuais é importante distinguir o sentimento básico de atracção por pessoas do mesmo sexo, por um lado, e a criação de um estilo de vida, por outro: os estilos de vida são uma opção, os sentimentos e a orientação sexual não. O 'estilo de vida' diz respeito à forma como uma pessoa quer viver a sua própria vida. Um estilo de vida pode incluir aspectos de identidade, sexualidade, relacionamentos, trabalho, casa, etc., mas é uma questão pessoal que não se pode associar a um grupo generalizado de pessoas.

Há muita gente que partilha o desejo de ter uma relação monógama, duradoura e 'romântica'. Não é por se ser uma adolescente lésbica ou um adolescente gay que uma relação deste tipo é impossível, mas é apenas uma opção entre muitas, tal como o é para um jovem heterossexual. As sociedades contemporâneas, com a sua mobilidade social e económica, oferecem ao indivíduo muito mais diversidade e liberdade para se exprimir com as suas especificidades, nomeadamente no que diz respeito a papéis de género, do que no passado. Desta crescente diversidade de identidades nasce uma grande necessidade de tolerância, aceitação e flexibilidade nas relações entre as pessoas.

À medida que a aceitação da homossexualidade vai aumentando, as lésbicas e os gays deixam de se sentir obrigados a esconder a sua homossexualidade atrás de um casamento heterossexual e de uma família tradicional, como acontecia antigamente. Assim, há cada vez mais mulheres lésbicas e homens gays com relações duradouras e/ou com filhos. Os estudos mostram que as crianças educadas neste tipo de ambiente familiar não têm falta de afecto nem de figuras-modelo. Estas crianças sofrem, no entanto, quando a lei dificulta uma parentalidade saudável (tornando, por exemplo, a adopção difícil para casais gays e lésbicos) ou quando pessoas com um papel relevante as tratam de forma discriminatória.

O que é que isto significa para mim?

Para as lésbicas, gays e bissexuais, tal como para os heterossexuais, seria bom que houvesse uma perspectiva mais equilibrada relativamente aos estilos de vida e à diversidade. Esta questão deve ser considerada no contexto mais amplo da diversidade do género, de origem cultural ou de outras diferenças sociais como a idade, as deficiências e a religião.

Antes de mais, as leis e os regulamentos a todos os níveis deviam dar maior atenção à diversidade. Pense no modo como a instituição para que trabalha ou as pessoas à sua volta lidam com diferentes estilos de vida. Por exemplo, os regulamentos de candidatura, formação e trabalho garantem um tratamento igual para homens e mulheres, para casais e para pessoas individuais?

Além disso, o acompanhamento psicológico deverá ajudar os adolescentes a aprofundar os seus sentimentos e as suas necessidades. Deve-se-lhes dar condições para criar o seu próprio estilo de vida. Por fim, o ensino deve dar uma visão global dos estilos de vida e discutir as imagens distorcidas, encorajando os adolescentes a fazerem as suas próprias escolhas.

A ter em mente

É importante reconhecer, para si mesmo e perante os seus alunos, que nem sempre é fácil lidar com a diferença, que não é algo que se aprenda de um dia para o outro. Leve o tempo que precisar e dê espaço aos alunos para digerirem as ideias novas.

Como agente educativo, tem de ter consciência das suas próprias opiniões sobre a diversidade e a homossexualidade/bissexualidade. Cerca de 70% do impacto do que ensina está ligado à sua personalidade. Se der uma aula sobre a diversidade dos estilos de vida, mas mostrar que não aprova estilos de vida diferentes do seu, os alunos não o levarão muito a sério.

Pergunte a si mesmo:

- O que sente acerca das diferenças em geral?
- Tem preferência por certos estilo(s) de vida? Porquê?
- Quais são os seus limites e porquê?
- O que sente em relação a pessoas que não aprovam o seu estilo de vida? Como gostaria que o tratassem?
- O que sente em relação à diversidade dos estilos de vida de lésbicas, gays e bissexuais, e de pessoas de outros grupos étnicos?



- Em geral, qual é a sua atitude face à diferença e à diversidade? É uma atitude coerente com a sua opinião em questões que digam respeito a adolescentes lésbicas, gays e bissexuais? Se não, porque é que há diferenças?

Num segundo momento, deve preparar-se para conhecer os sentimentos e as opiniões dos seus alunos. As perguntas acima listadas também são válidas para eles. Pergunte-se se consegue imaginar as suas respostas antes de começar o debate.

- O que é que eles vão pensar? · Como é que vão reagir ao tópico da diversidade?
- Como é que se vai sentir a trabalhar com eles sobre diversidade - Confortável, inseguro, ameaçado?

Tenha em linha de conta que há muitas maneiras diferentes de se ser feliz. Alguns estilos de vida podem ser totalmente novos para si, mas não se surpreenda se os seus alunos tiverem abordagens originais.

Saiba também:

- Os jovens homossexuais e bissexuais têm falta de modelos positivos, o que os pode levar a sentir-se inseguros sobre o modo de viver a sua homossexualidade.
- Frequentemente, os jovens gays, lésbicas e bissexuais procuram modelos que se ajustem ao seu caso, o que os pode levar a estereotipar o comportamento gay ou lésbico.
- Mostre aos seus alunos gays ou lésbicas que não é possível avaliar objectivamente qualquer estilo de vida. É importante deixar claro que a orientação principal do seu estilo de vida deve ser a sua felicidade.
- Procure informar-se sobre grupos locais de apoio a pessoas com o estilo de vida que o seu aluno deseje viver e onde ele/ela possa trocar experiências.
- Muitos jovens gays, lésbicas ou bissexuais recebem não poder ter uma família como os heterossexuais. Muitos mudam de opinião quando se apercebem de que podem ser felizes tal como são.

Actividades sobre Estilos de Vida e Diversidade

Definir a Normalidade

Objectivo: Clarificar a relatividade dos conceitos “normal” e “anormal”, “de dentro do grupo” e “de fora do grupo” e discutir os riscos de exclusão baseados na declaração de alguém como sendo “de fora”.

Método: Arranje uma série de imagens de diferentes homens e mulheres. Peça aos alunos para as ordenarem da mais “normal” para a mais “diferente”. Lance o debate sobre a fronteira entre o normal e o anormal, fronteira essa que habitualmente varia de pessoa para pessoa. Proponha um debate sobre o porquê destas diferenças e leve os alunos a discutir a definição de “normal”, “anormal” e “diferente”. Explique os conceitos de “de dentro do grupo”, “de fora do grupo”, “alguém de dentro” e “alguém de fora”. Todos estes conceitos são subjectivos: quando definimos os critérios de pertença a um grupo excluimos automaticamente certas pessoas. Discuta os efeitos da exclusão e como se deve lidar com as diferenças, respeitando-as, inclusive diferenças relativas à orientação sexual.

Nota: Este exercício só se adequa a jovens capazes de se distanciar da sua visão das coisas ou para aqueles que estão habituados a pensar pela sua cabeça. Os alunos integrados em culturas ‘colectivas’ irão achar o exercício difícil e esperarão pelas reacções dos outros. Para contornar este tipo de atitude, a discussão pode centrar-se em diferenças de grupo ou opiniões culturais.

Integração da Diversidade

Objetivo: Integrar os tópicos associados a lésbicas, gays e bissexuais nos conteúdos escolares.

Método: Tente integrar nas suas aulas (Matemática, História, Geografia, Literatura, Ciências Sociais, Saúde...) exemplos de vivências homossexuais. Por exemplo, num exercício de Matemática, pode usar o exemplo de duas mulheres que vivem juntas e que têm de calcular o número de azulejos de que precisam para acabar as obras na sua casa de banho. Quando possível, refira figuras históricas homossexuais ou exemplos culturais de vivências gay, lésbicas ou bissexuais. Procure referir também os riscos, bem como os aspectos positivos com que jovens lésbicas e gays têm de lidar no seu coming out.

Nota: Este tipo de integração só é possível quando a sua escola aceita que se fale de homossexualidade. De outro modo, mencionar os exemplos acima irá criar perturbação na sala de aula e exigirá um debate específico. Geralmente é necessário começar-se por uma discussão sobre a homossexualidade em geral, antes de se poder usar este tipo de exemplos.

Exercício de Rotulagem

Objetivo: Avaliar os mecanismos de estereotipificação e rotulagem, bem como a forma como a rotulagem reforça comportamentos estereotipados.

Método: Cole uma etiqueta com um estereótipo (por exemplo, 'preguiçosos' ou 'mal-educado') nas costas de cada participante, sem que o participante etiquetado saiba o que tem escrito nas costas. Cada aluno pode ver as etiquetas dos outros participantes, mas não as pode revelar. Segue-se um exercício simples de colaboração (por exemplo, o grupo tem de escolher uma receita e fazer uma refeição: têm de decidir quem irá fazer as compras, quem irá cozinhar, quem irá lavar a loiça, etc.), durante o qual os participantes têm de reagir uns com os outros de acordo com o estereótipo que cada um tem nas costas, sem nunca revelar o que se encontra lá escrito. Depois de alguns minutos, interrompa o exercício e debata os resultados. Frequentemente os participantes sentem-se muito frustrados e começam a comportar-se de acordo com a sua etiqueta. É assim que funcionam os estereótipos. Alargue a discussão a rótulos sobre lésbicas, gays e bissexuais.

Perguntas Frequentes sobre Estilos de Vida e Diversidade

Até onde posso ir na apresentação de opiniões diferentes das minhas?

Não tem de apresentar todas as opiniões existentes — é, aliás, impossível —, mas é relevante estar a par dos principais debates sociais e dos principais pontos de vista em questões como a sexualidade e a homossexualidade. Pode dar a sua opinião, desde que crie espaço para que os alunos exprimam também os seus pontos de vista.

Como lidar com perspectivas opostas sobre a diversidade no meu grupo?

Acolha-as de braços abertos, como uma oportunidade de debate. A regra fundamental é: “todas as opiniões são válidas desde que respeitem os outros e sejam defendidas de uma maneira séria”. Peça aos alunos para explicarem e aprofundarem as suas posições e promova a curiosidade relativamente a outras perspectivas.

Como lidar com pais que esperam que a escola promova o seu próprio estilo de vida?

É importante explicar aos pais que uma das tarefas da escola é ensinar o respeito por todos os alunos e pais, o que implica aprender a lidar com a diversidade. Pergunte aos pais como ensinam o respeito aos seus filhos, partilhando os seus próprios métodos com eles.

Como posso evitar julgar certos estilos de vida quando pessoalmente não os aprovo?

Na maioria dos casos, julgamos um estilo de vida porque, de facto, não o conseguimos imaginar verdadeiramente. Lembre-se de que não tem de adoptar outros estilos de vida e tenha consciência de que haverá seguramente pessoas que acharão a sua maneira de viver estranha. É perfeitamente natural que prefira um estilo de vida em detrimento de outros e que para si eles não sejam equivalentes. Tenha em conta que a sua opinião pessoal em relação a estilos de vida se encaixa na sua própria vida e que as coisas podem ser muito diferentes na perspectiva de outra pessoa.

Como lidar com um jovem que é infeliz com o seu “estilo de vida homossexual” em geral?

Como já vimos, não existe um estilo de vida homossexual único, mas várias formas de se viver uma dada orientação sexual. Geralmente, as pessoas infelizes com a forma como vivem a sua homossexualidade não tiveram oportunidade de ver a sua orientação sexual como uma possível fonte de felicidade. Precisam de saber que não há apenas uma maneira de se viver enquanto homossexual. Pode falar-lhe da diversidade de estilos de vida, da variedade de maneiras de se ser feliz, para além dos clichés bem conhecidos.

Como posso ajudar os jovens a encontrar pessoas que queiram ter o mesmo estilo de vida?

Há muitos grupos de auto-ajuda, que representam diferentes estilos de vida em quase todas as cidades. Conheça-os melhor. Contacte as organizações locais para obter mais informações sobre estes grupos.

Como posso falar a um jovem de todos os estilos de vida possíveis se eu próprio não os conheço?

Não tem de estar a par de todos os estilos de vida diferentes. Há tantos que isso seria virtualmente impossível e, em todo o caso, cabe ao aluno encontrar o que quer para si próprio. Apoie-o enquanto ele se interroga. É suficiente mostrar-lhe que há muito mais formas de viver do que a família tradicional com dois filhos e um cão e que há muitas maneiras de se ser feliz.

Fonte: *Different in More Ways Than One. Providing Guidance for Teenagers on Their Way to Identity, Sexuality and Respect.* “3 Different Lifestyles”.
Ministerium für Gesundheit, Soziales, Frauen und Familie des Landes Nordrhein-Westfalen, D - 40219 Düsseldorf, Germany.
<http://www.diversity-in-europe.org>, 2004. (Traduzido e Adaptado)

4. OUTRAS ACTIVIDADES SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Contar Histórias

Objectivo: Fazer com que os jovens tenham consciência da maneira como foram educados para a sexualidade.

Método: Todos os alunos contam alguma coisa sobre a maneira como foram educados. Pergunte-lhes como aprenderam o que sabem sobre identidade de género, sexualidade e os papéis atribuídos a cada um dos sexos. Pergunte-lhes também de que informação sentiram falta e como compensaram esta falta. Uma alternativa será pedir aos alunos que falem com os pais ou avós (ou encarregados de educação) sobre a forma como aprenderam este tipo de coisas. Lance também para discussão as mensagens que gostariam de passar aos seus próprios filhos, as dificuldades que pensam vir a ter e se acham que teriam sucesso. Num segundo momento, os alunos podem debater as diferenças entre as suas histórias. Faça-os falar dos conflitos que possam ter surgido entre encarregados de educação e jovens, ou entre pessoas da mesma geração. Como é que estes conflitos se resolveram? Outra conclusão possível do exercício será perguntar aos alunos como pretendem educar os seus próprios filhos. O que farão quando os filhos tiverem opiniões diferentes das suas? E se um filho seu tiver sentimentos homossexuais?



Nota: Não se esqueça de que os estudantes se podem sentir embaraçados ao revelar certos aspectos da sua vida privada ou da sua orientação sexual. Mais ainda, para pais e avós, serem confrontados com tópicos como a sexualidade pode ser perturbador. Prepare os alunos com antecedência para esta possibilidade e evite que eles ultrapassem os limites pessoais dos adultos.

Heróis e Heroínas

Objectivo: Analisar a importância de figuras-modelo históricas para gays e lésbicas.
Método: Peça aos alunos para fazerem uma lista de figuras históricas que considerem bons exemplos. Analise os motivos que fazem destas figuras pessoas importantes: como exemplos de criatividade, independência, força, honestidade etc. Preste particular atenção às figuras-modelo escolhidas por alunos pertencentes a minorias e procure avaliar se as suas escolhas têm alguma coisa a ver com a sua condição. De seguida, afirme a importância de se ter figuras-modelo, especialmente para as minorias, e peça aos seus alunos que enunciem as razões desta importância, ajudando-os a formular as suas opiniões. (Dado que as minorias são vistas como menos boas, figuras-modelo positivas ajudam a corrigir essas imagens negativas.) Estenda a discussão à homossexualidade, perguntando que figuras-modelo são importantes para lésbicas, gays e bissexuais. Também pode optar por falar de figuras históricas importantes para lésbicas, gays e bissexuais. Em alternativa, pode mostrar uma imagem de uma figura-modelo para lésbicas, gays e bissexuais, como Elton John (cantor inglês). Pode falar também de outros exemplos recentes como Virginia Woolf, Oscar Wilde, Freddy Mercury, Dusty Springfield (poderá encontrar mais exemplos no site da rede ex aequo em <http://www.ex-aequo.web.pt/celebridades.html>).

Nota: Dependendo do nível e do interesse intelectual dos alunos, pode optar por uma discussão mais pessoal sobre figuras-modelo actuais para lésbicas, gays e bissexuais como algumas estrelas da música pop, ou por uma discussão mais académica e histórica sobre a necessidade que lésbicas, gays e bissexuais têm de saber coisas acerca de figuras históricas gays ou lésbicas —por exemplo, porque é que é tão importante para muitas lésbicas, gays e bissexuais dizer que a homossexualidade era 'normal' entre os Gregos antigos. Outra opção consiste em analisar mais profundamente as imagens de gays e lésbicas nos meios de comunicação social ou em filmes, e discuti-las com os alunos.

Escreve à Cristina

Objectivo: Lançar a discussão sobre a relação entre a homossexualidade e a Igreja e promover a empatia face aos problemas dos outros.

Método: Conte a seguinte história aos seus alunos: “A Cristina é católica e muito praticante. Simultaneamente, sente-se atraída por mulheres. Apaixonou-se recentemente pela Mariana e deixou de ter quaisquer dúvidas acerca dos seus sentimentos. Mas parece-lhe muito difícil conciliar estes sentimentos com a sua religião e com as reacções dos seus pais e de alguns amigos. Decidiu, então, escrever anonimamente para a coluna de Perguntas & Respostas de uma revista: ‘Os meus pais e a Igreja a que pertenço condenam as relações lésbicas. Mas li que, em algumas igrejas protestantes, as lésbicas podem casar. Que devo fazer?’”. Peça aos alunos que escrevam uma carta à Cristina, na qual tentem ajudá-la e dar-lhe sugestões. Lance um debate sobre as virtudes dos diferentes tipos de conselhos que os alunos derem.

Nota: Provavelmente, os alunos irão dar diferentes tipos de conselho à Cristina, desde negar os seus sentimentos a aceitá-los. Concentre-se nas cartas dos alunos. Aprofunde as suas opiniões sobre sentimentos pessoais e a relação entre a religião e a intolerância cultural ou social. Este exercício funcionará melhor em grupos multi-religiosos.

Tolerância/Direitos Humanos/Humanitarismo

Objectivo: Encorajar o respeito mútuo e a tolerância num contexto religioso.

Método: Comece por dizer aos alunos que o conceito de “amor ao próximo” é uma virtude importante



para todas as religiões do mundo. Pergunte-lhes primeiro se partilham este valor. Se sim, peça-lhes para debater a forma como este valor se relaciona com as lésbicas, os gays e os bissexuais. **Nota:** É aconselhável ter consciência dos argumentos e contra-argumentos que os alunos poderão usar no debate (por exemplo, amar o próximo pode implicar não permitir que ele peque — preocupar-se com o próximo não deve limitar a sua liberdade de escolha). Não deixe que a discussão se fixe em textos nem em princípios religiosos. Concentre-se nos aspectos espirituais e 'afectivos' da religião. Nesta discussão, a igualdade entre todos os alunos é muito importante. Não 'pregue a tolerância'. Aceite os sentimentos negativos sobre a homossexualidade que possam ser expressos e analise o modo como os alunos lidam com estes sentimentos, quando eles próprios reconhecem o respeito e a tolerância como virtudes importantes.

A "Cura"

Objectivo: Analisar o mito de que a homossexualidade se pode "curar".

Método: Comece por dizer aos alunos que alguns cristãos fundamentalistas julgam que a homossexualidade é uma perturbação mental passível de tratamento. Pergunte-lhes o que pensam desta ideia. Deixe-os aprofundar este ponto de vista, bem como alegadas terapias para a homossexualidade, que podem procurar na Internet, e peça-lhes para escrever uma composição onde descrevam as suas descobertas (se fizer uma pesquisa na Internet pela expressão "tratamento gay", encontrará um leque de debates recentes sobre o tema).

Nota: Faça este exercício apenas se o assunto tiver sido levantado numa aula, pois estará a expor os alunos a propaganda fundamentalista. Forneça informação equilibrada quanto aos supostos tratamentos para a homossexualidade. A informação fundamental deverá, pelo menos, deixar claro que não é possível "transformar" sentimentos homossexuais em sentimentos heterossexuais.

Fonte: *Different in More Ways Than One. Providing Guidance for Teenagers on Their Way to Identity, Sexuality and Respect. "Tools".* Ministerium für Gesundheit, Soziales, Frauen und Familie des Landes Nordrhein-Westfalen, D - 40219 Düsseldorf, Germany. <http://www.diversity-in-europe.org>, 2004. (Traduzido e Adaptado)

Sugestão de Actividade: *Compass: Manual On Human Rights Education with Young People. "Let's Talk About Sex!"*. Tradução de Humana Global - Associação para a Educação e Formação em Direitos Humanos. Conselho da Europa, 2002. pp. 156-8.

5. A VARIAÇÃO DO GÉNERO

Espera-se que os alunos descubram e aprendam que:

1. A diversidade sexual e de género é um dos últimos grandes tabus na nossa sociedade.

- As pessoas não são sempre simplesmente masculinas ou femininas;
- O sexo e o género são conceitos distintos, distinguindo-se ambos de orientação sexual;
- Há muitas formas diferentes de variação;
- Uma em cada cem pessoas é afectada por variações intersexuais;
- A variação de género é também um lugar-comum.

2. Estas variações são vistas de formas diferentes em cada cultura.

- Encontramos registos de variações de sexo e de género na história de várias civilizações, entre as quais a nossa;
- Há sociedades com mais "papéis" de género do que a nossa;
- Há culturas que olham a variação de género com deferência;
- Escrita pelas maiorias dominantes, a história tem distorcido e escondido a variação de sexo e de género, tal como acontece com o papel das mulheres ou com a existência da homossexualidade.



3. No mundo ocidental, as pessoas com variações sexuais e de género sofreram muito no passado, especialmente durante a segunda metade do século XX:

- Através de representações falsas em filmes, livros e reportagens jornalísticas;
- Através da supressão de informação que permita compreender a verdadeira vida das pessoas com variações sexuais e de género;
- Através da discriminação directa e da falta de protecção legal;
- Através de violência.

O guia que se segue contém material mais do que suficiente para uma aula de duas horas ou mais, para além de um trabalho de casa e de uma composição. É possível que os professores prefiram usá-lo como um menu, seleccionando exercícios adequados à quantidade de tempo de aula de que realmente dispõem. Este guia consiste num conjunto de afirmações ou perguntas a apresentar à turma, cada uma delas acompanhada por notas com conteúdos e tipos de resposta em que deverá pensar antes do debate na aula.

1. O que é que define o sexo?

O que é que define o sexo de uma pessoa? Os órgãos genitais? As gónadas (órgãos sexuais internos)? Os cromossomas? A sensação de se ser um homem ou uma mulher?

Esta introdução faz a distinção entre o sexo biológico e os conceitos de papel social de género ou identidade de género pessoal. Estas são as quatro formas de definir o sexo de uma pessoa em termos médicos, legais e sócio-interactivos. Na maioria dos casos são absolutamente coerentes uns com os outros, e é por isso que tendemos a nunca questionar o que somos, como nos tornámos o que somos ou se estamos satisfeitos com isso. As dúvidas surgem quando, por qualquer razão, pelo menos um destes factores não está de acordo com os restantes. A variação de género diz respeito às pessoas que, por qualquer razão, não consideram as coisas tão simples e inquestionáveis.

Exercício de turma

O que é que, no dia-a-dia, nos permite definir o sexo de uma pessoa?

Imaginem alguém que conheçam bem, mas não intimamente. Por exemplo, um amigo, um vizinho ou mesmo um director de turma! Essa pessoa é um homem ou uma mulher? Como é que sabemos isso? Viram os seus órgãos genitais? Têm a certeza de que os órgãos genitais dessa pessoa são aqueles que imaginam? Os órgãos genitais, os órgãos sexuais internos e os cromossomas ajudam a definir o sexo, do ponto de vista da medicina e da biologia. Será que recorremos de facto a estes critérios para identificar o sexo de uma pessoa ou deixamo-nos guiar por outras pistas (por exemplo, o modo de vestir, os comportamentos...)? Ficamos confusos quando queremos identificar o sexo de uma mulher que use calças? E de um homem com saias? Quando é que precisamos realmente de ter a certeza de quais são os órgãos genitais de uma pessoa?

2. Os papéis de género são fixos?

Considerem a gravidez; tomar conta dos filhos; usar calças; cozinhar; trabalhar fora de casa; limpar a casa-de-banho; fazer a manutenção do carro; envolver-se em brigas; embebedar-se com os amigos.

Todas as sociedades atribuem papéis diferentes para cada sexo. Alguns aspectos são fisicamente determinados (por exemplo, a gravidez) mas outros são atribuídos de forma mais arbitrária (por exemplo, tomar conta dos filhos).

Ao desempenhar um dado papel, as pessoas revelam o seu sexo umas às outras — na eventualidade de não poderem mostrar os órgãos genitais ou as características sexuais secundárias. Considerem os exemplos dados. Quantos destes papéis ou actividades são determinados pela natureza? Quantos se mantiveram inalterados desde os anos 50 do século XX? Quantos poderão ser diferentes noutras culturas?

A conclusão é que, embora tudo indique para uma necessidade de existirem papéis de género e de nos apoiarmos neles para termos a sensação de pertencer a um dos dois sexos, a maior parte desses papéis são arbitrariamente atribuídos — criados pelas necessidades específicas de uma sociedade que precisa de dividir responsabilidades entre as pessoas.

3. Como é que identificamos o papel de género que devemos desempenhar?

Considerem o que os nossos órgãos genitais nos dizem; o que as outras pessoas nos dizem; o que intuitivamente sentimos.

Mas considerem também que as crianças podem não conhecer as diferenças genitais até crescerem; podem existir factores físicos que não conhecemos; e se os nossos órgãos genitais forem ambíguos?; e se os nossos sentimentos forem ambíguos?

Como é que sabemos se somos homens ou mulheres? Os nossos pais e irmãos dizem-nos. Se já vimos outras pessoas nuas e conhecemos as diferenças físicas, isso também poderá ajudar-nos a deduzir qual é o nosso sexo.

Sentir-se-iam igualmente confortáveis se pertencessem ao sexo oposto? Considerem a história de David Reimer — nasceu rapaz, foi educado como rapariga. Disseram-lhe que era uma rapariga, inclusivamente que o seu corpo era o de uma rapariga — mas ele sentia que havia algo errado. O que lhe diziam era tão forte que ele não conseguia compreender os sentimentos que vinham de dentro de si — só conseguiu perceber o que se passava quando lhe contaram a verdade.

A identidade de género é o nome que se dá ao "sentimento de pertença" a um dos sexos. Regra geral, os órgãos genitais exteriores são a forma "fácil" de identificar o sexo de uma pessoa. Geralmente são um indicio fiável porque a nossa aparência exterior coincide, regra geral, com o que sentimos no interior. A identidade de género torna-se muito importante, porém, quando nem tudo está em sintonia.

Exercício de turma

De que modos podem os diferentes indicadores desencontrar-se?

Os homens têm normalmente um par de cromossomas XY enquanto que as mulheres têm um par XX. Por vezes esta "regra" pode modificar-se, produzindo rapazes com XX e raparigas com XY. Estas variações podem ser completamente invisíveis e só serem descobertas através de uma análise dos cromossomas, parecida com a que em tempos se fazia aos atletas na alta-competição.

Se descobrissem que tinham um par "errado" de cromossomas, isso afectaria o modo como se sentem homens ou mulheres? Será que a opinião dos outros a vosso respeito deveria mudar? Também é possível que uma pessoa tenha variantes cromossómicas "intermédias" como XXY, XXYY, XO. Algumas destas combinações podem querer dizer que a pessoa é menos estereotipadamente homem ou mulher — pode desenvolver-se como uma mulher muito alta, pode não desenvolver características secundárias ou pode ser infértil.

Se fossem uma dessas pessoas, que critério usariam para definir a vossa identidade? O sexo genital, a vossa aparência geral ou a maneira como se sentissem interiormente? Uma pessoa pode nascer com órgãos genitais externos ambíguos ou com diferenças entre a sua constituição interna e externa. Se tivessem um filho assim e o soubessem à nascença, como é que o educariam? Seria possível educá-lo sem lhe atribuir um sexo definido? Se fossem

essa criança, como é que se sentiriam ao saber que o vosso sexo tinha sido escolhido pelos vossos pais e pelos médicos? Imaginem que, ao crescer, se sentiam interiormente diferentes? Estas são apenas algumas formas de se nascer em condições ditas "intersexuais". Há mais de 70 tipos diferentes de condições intersexuais — uns óbvios, outros não. As condições intersexuais afectam mais de uma criança em cada 100, o que significa que poderão haver vários alunos nessas condições numa escola.

Porque é que este assunto é tratado com tanto secretismo?

Há outras formas de as características sexuais serem incoerentes? Uma pessoa com atributos físicos aparentemente coerentes pode, no entanto, sentir-se simplesmente desconfortável na sua pele, como David Reimer se sentia?

Designam-se por pessoas trans aquelas pessoas que, ainda que fisicamente pertençam sem dúvida nenhuma a um determinado o sexo, se sentem desconfortáveis, relativamente ao papel de género que se espera que desempenhem.

Exercício de Turma

Precisamos de mais do que dois papéis de género ou simplesmente não precisamos de nenhum?

Partimos do princípio de que as pessoas ou são do sexo masculino ou são do sexo feminino. Já vimos que, por inúmeras razões, isto não é inteiramente verdade, já que muitas pessoas estão fisicamente entre os dois extremos.

Vimos também que os papéis de género tendem a reflectir os nossos preconceitos acerca da natureza binária do sexo, mas que o que atribuímos a um ou a outro é muitas vezes arbitrário, variando de cultura para cultura ao longo do tempo.

Deveria haver mais papéis de género? Isso permitiria que às pessoas se "encaixassem" melhor? Como é que seria a nossa sociedade se passasse a ser mais fácil para alguns rapazes desempenharem papéis considerados femininos e vice-versa?

4. A variação do género é apenas um fenómeno ocidental?

Considerem o povo Chukchi da Sibéria; os Berdache da América do Norte; os Mahu, os Fa'a Fine e os Wakawawine da Polinésia; os Hijra da Índia; e os Muxe de Oaxaca no México.

Há culturas que desde os seus tempos primordiais reconhecem e respeitam a existência de diversos géneros. O povo Chukchi da Sibéria tem sete géneros para as pessoas — embora, claro, todas as pessoas sejam biologicamente homens, mulheres ou variantes intersexuais.

No essencial, a existência de múltiplos géneros não pretende essencialmente acomodar as variantes físicas, mas antes dar conta das diferentes maneiras de as pessoas se sentirem.

No Ocidente, o mais próximo que se chega de considerar novas categorias de género é pensar em "homens efeminados" ou "mulheres camionistas". Nenhum destes casos são referências respeitadas ou socialmente aceites. Alguns destes grupos culturais correspondem em muitos sentidos às pessoas que, no Ocidente, descrevemos como "transexuais" ou "transgéneros". Como a cultura ocidental e a tecnologia médica se alargaram a alguns destes povos, eles vêem a mudança cirúrgica de género da mesma maneira, como um modo de exprimir o que sentem relativamente ao seu papel de género no corpo socialmente esperado.

Será que pode acontecer o contrário? Será que as sociedades podem mudar facilmente no sentido de aceitarem que as pessoas desempenhem papéis que não se consideram adequados aos seus corpos?



5. Pessoas que desafiam as fronteiras de género

Considerem as pessoas transexuais; as pessoas transgéneras; os travestis; as drag queens.

Todas estas pessoas desafiam as fronteiras dos papéis de género na sociedade ocidental, embora cada uma delas tenha razões diferentes para o fazer. As pessoas transexuais e transgéneras descrevem uma sensação dominante de desconforto face ao seu papel de género original e descobrem uma sensação de pertença e identificação com outro.

Transgénero tem vários significados diferentes. Há quem use o termo de uma forma abrangente, incluindo situações que vão desde o travestismo à transexualidade. Os norte-americanos tendem a aplicar o termo a pessoas que adoptam um papel de género permanente (por exemplo, roupa, nome, emprego, documentos de identificação, etc.) mas sem que haja intervenção hormonal ou cirúrgica procurada pelos transexuais para completar a transformação.

Os homens travestis identificam-se claramente como os homens que são, mas gostam de vestir peças femininas por prazer e divertimento. As drag queens são um fenómeno cultural específico da cultura gay — frequentemente parodiando o papel de género feminino de forma descarada.

É mais fácil compreender as pessoas não operadas (transgéneras) ou as pessoas cirurgica e hormonalmente alteradas (transexuais)? Que tipo de reservas podem ter as outras pessoas?

Há mulheres que vestem peças masculinas como fazem os homens travestis e as drag queens? Se sim, porque é que são menos visíveis?

Exercício de turma

Como é que a sociedade acolhe ou rejeita os desafios aos papéis de género?

Estima-se que cerca de 1 pessoa em cada 11,900 pessoas que nascem com aparência masculina, se desenvolverá como rapariga e mulher transexual. O número de raparigas que se desenvolverão como rapazes e homens transexuais está entre metade e um terço deste valor. Estes números, contudo, parecem variar de país para país.

Até que ponto as atitudes que temos em relação às transgressões de género podem influir sobre a percentagem de transgenerização? Poderão existir menos homens transexuais se os indivíduos, enquanto mulheres, dispuserem de maior flexibilidade para definirem o seu papel? Ser diferente em termos de género é uma doença mental? Ser gay ou lésbica é uma doença mental? (Dica: Em tempos, a homossexualidade foi considerada uma doença.) O transgenderismo e a homossexualidade são ambos uma opção ou são antes a maneira como alguém nasceu? Se uma pessoa nasceu com características que a levam a mudar de género, devemos pensar nela enquanto homem ou mulher? Só devemos mudar a nossa percepção do género de uma pessoa quando ela tiver feito "a operação" (e suponhamos que não pode se submeter à cirurgia)? Mudaremos a nossa percepção do género de uma pessoa quando ela começar a vestir-se e a viver como pertencendo ao novo sexo ou quando ela começar a tomar hormonas? Até que ponto podemos pensar nela como tendo pertencido a esse sexo desde sempre? Que consequências implica que aos olhos da lei uma pessoa que mude de sexo continue a pertencer ao sexo com que foi registada à nascença, nomeadamente para a possibilidade de casar, para os direitos a receber pensões e benefícios, para a compra de seguros, para a protecção da privacidade?

Exercício de turma

Como é que a orientação sexual se relaciona com as questões de género?

As transgressões de género desafiam a definição de heterossexualidade e de homossexualidade. De que forma é que a identidade de género (como uma pessoa se sente relativamente ao sexo

e aos papéis que lhe estão associados) se relaciona com a orientação sexual (por quem uma pessoa se sente atraída)?

As pessoas transexuais não mudam de papel apenas para poderem ter relações afectivas e sexuais de uma forma socialmente mais aceitável. Na verdade, algumas podem passar a ser homossexuais aos olhos das outras pessoas como resultado da sua mudança. Há quem descubra que a sua orientação sexual mudou quando mudou de género (talvez por passar a ter liberdade para explorar esse aspecto de si mesmas, mais à vontade). Outras pessoas afirmam que o seu interesse por homens ou mulheres (ou ambos) não mudou.

As pessoas transexuais e fisicamente intersexuais podem ter o mesmo leque de orientações sexuais que qualquer outra pessoa. Há pessoas que (após a sua mudança de papel) se sentem atraídas pelo sexo oposto; outras sentem-se atraídas pelo mesmo sexo; algumas são bissexuais e outras afirmam não sentir, na verdade, atracção sexual por qualquer um dos géneros (assexuais).

Como é que definirias alguém como "heterossexual" ou "homossexual" se essa pessoa não é exactamente homem nem mulher? Baseias-te nos órgãos genitais da pessoa ou nos seus cromossomas das suas células? E se os seus órgãos genitais forem ambíguos? Baseias-te no facto dessa pessoa ter ou não feito a operação? Baseias-te no seu estatuto legal?

Como classificas uma mulher transexual que tenha um homem heterossexual por companheiro? A definição depende de ter sido atribuído o género feminino à mulher transexual? Um homem heterossexual passa a ser homossexual por se sentir atraído por uma mulher transexual? A sua "categorização" depende de ele conhecer ou não os antecedentes médicos da parceira? É preciso uma definição melhor de homossexual?

Sugestões de exercícios para pesquisa individual ou em grupo

Estes exercícios complementam os exercícios de turma apresentados antes e implicam a utilização da Internet e de outras ferramentas de investigação para saber mais sobre a vida das pessoas transexuais ou intersexuais.

1. Procurem o maior número possível de exemplos de pessoas transexuais nossas contemporâneas, na Internet, em filmes, na televisão ou em livros. Questionem-se sobre até que ponto a vossa lista pode ser, de alguma maneira, preconceituosa.
2. Descubram tudo o que puderem sobre a história de pessoas com variações de género (transexuais e intersexuais) no mundo ocidental e exemplos de pessoas em várias culturas diferentes. O que é que estes exemplos têm em comum?
3. Procurem informações sobre o activismo político por parte de transexuais e intersexuais em Portugal e no resto do mundo. Que outros tipos de organizações (não políticas) existem também? Porque é que as pessoas se organizam assim? O que é que esperam alcançar? Que mudanças têm conquistado?
4. Imaginem que, na vossa família ou no vosso grupo de amigos, alguém vos diz que vai mudar de sexo. Façam uma composição sobre os problemas e os desafios que vocês pensam que essa pessoa terá que enfrentar e de que forma é que aqueles que vivem à sua volta a podem ajudar. Que tipo de coisas é que seria necessário mudar? Com que preconceitos serão confrontados? Discutam os aspectos que poderão mudar na sua relação com os amigos, a família e colegas.

Nota: As sugestões que se encontram na secção seguinte para intervir em casos de homofobia na escola, podem/devem ser adaptadas para intervir em casos de transfobia no espaço escolar.

Fonte: "Lesson Plan – Gender Variance". Burns, Christine. <http://www.pfc.org.uk/campaign/people/cburns.htm>, 2005. (Traduzido e Adaptado)

6. COMO INTERVIR EM CASO DE HOMOFOBIA NA ESCOLA?

GUIA DE INTERVENÇÃO DO EDUCADOR EM CASOS DE HOMOFOBIA

Primeiro, proíba o comportamento:

- Já chega!
- Deixa os outros em paz!
- Estás a ultrapassar os limites!
- Pára com isso imediatamente!
- Vai para a rua!
- Isso não se faz!
- Deixa o teu colega em paz!
- O teu comportamento não tem qualquer razão de ser!
- Isso é inaceitável!
- (Nome), eu já te disse para parares com isso.

Depois, eduque:

- Isso é um estereótipo. Os estereótipos são uma espécie de mentira e magoam as pessoas.
- Isso é uma ofensa. Esse tipo de comportamentos é inaceitável na (nome da escola).
- Talvez não quisesses magoar ninguém, mas esse foi um gesto negativo... Estás a insinuar que ele é gay de uma forma desrespeitosa.
- Isso é uma agressão e vai contra as regras desta escola. Para além disso, seja ele gay ou não, não tens nada a ver com isso!
- Isso não se faz e é assédio sexual. Podes ser suspenso por causa disso.
- Sabes o que é que essa palavra significa? É um termo pejorativo para homem homossexual. É o mesmo que ofender pessoas de uma raça ou religião diferente.
- Ela pode ser lésbica ou não, e, se for, não há nada de errado nisso, mas fazer grafitis e espalhar rumores é errado.

Educar é um passo crucial.

Não é suficiente parar o comportamento. Os alunos podem achar que um “Pára com isso imediatamente!” quer dizer que não há problema nenhum em ofender o João desde que não seja durante a aula de Matemática. Explicar o porquê da proibição deste tipo de comportamento vai fazê-lo gastar algum tempo de aula, no entanto, pode-lhe poupar muito tempo e energia a longo prazo, já para não falar nos sentimentos dos jovens, jovens que não serão necessariamente os agredidos. Pode ser uma testemunha ou até mesmo o/a agressor(a). Pode evitar ataques mais violentos ou mesmo um suicídio. Assim, todo o tempo gasto será seguramente bem empregue.

Devo educar no local ou educar o/a ofensor(a) em privado?

Depende. Tanto o/a ofensor(a) como as testemunhas precisam de ouvir o que tem a dizer. Pode ser uma oportunidade única para mostrar como é que se pode defender alguém, garantindo a todos os alunos que a sua sala de aula é, de facto, um local seguro. No entanto, dar oportunidade ao jovem ofensor de não ser ridicularizado perante os colegas pode levar a um arrependimento sincero e a uma mudança de comportamento. Aliás, insistir no assunto perante a vítima pode contribuir apenas para a embaraçar mais. Use o seu discernimento profissional. O objectivo é apoiar e ajudar todos os jovens.



E se o ofensor se virar contra si por ter intervindo, perguntando:
"O que é que isso lhe interessa? É gay??"

Tem várias hipóteses:

- Pode perguntar, "Porquê? Achas que só os gays é que têm a coragem de se defender uns aos outros, em casos de agressão?"
- Pode dizer, "Eu reajo sempre contra a mesquinhez, independentemente da minha orientação sexual!"
- Pode responder directamente à pergunta. Por exemplo: "Não, mas a minha orientação sexual não faz diferença nenhuma!" ou "Sim, por acaso sou. Mas não é essa a questão. Estás a agredir um(a) colega teu/tua e isso não é aceitável nesta aula nem em nenhuma aula desta escola!"
- Pode recusar-se a responder, apelando a regras previamente estabelecidas na sala de aula, "Essa pergunta é pessoal. Lembras-te de que nesta aula a privacidade de cada um deve ser respeitada e protegida? De qualquer forma, a minha orientação sexual é irrelevante."

É claro que alguns alunos vão assumir que não se recusaria a responder caso fosse heterossexual. Se é heterossexual, ser ambíguo em relação a este assunto pode ser complicado para si. Constitui, no entanto, uma boa experiência de aprendizagem para os seus alunos. Se realmente pertence a uma minoria sexual, a ambiguidade pode ser quase tão psicológica e emotivamente arriscada quanto assumir-se. Por outro lado, a honestidade é um aspecto muito importante na construção de um espírito de grupo e de confiança na sala de aula. Assim, se a política da sua escola e da sua região de educação o permitirem, o melhor é responder a verdade a uma pergunta directa, mesmo quando esta é desafiadora e agressiva. Os jovens precisam de figuras-modelo pertencentes a minorias sexuais que não tenham medo de se afirmar e de figuras-modelo heterossexuais que se oponham à agressão e à violência homofóbica.

Em última instância, deve confiar no seu discernimento profissional. O objectivo deste manual é dar-lhe a oportunidade de antever estes cenários e estudar a melhor forma de lidar com este tipo de situações, de forma a que o seu medo não o impeça de proteger os jovens.

E se eu não tiver a certeza de ter o apoio da administração escolar?

Continua a ter uma obrigação legal e moral de defender os seus alunos de agressões e da violência. Por isso, defenda os jovens que dela são alvos. Mas não deixe de falar com o/a seu/sua coordenador(a) sobre o problema antes de intervir. Dê exemplos de situações de agressão e ostracismo no espaço escolar a que tenha assistido ou que os seus alunos lhe tenham contado. Se o/a seu/sua coordenador(a) concordar que tem de se fazer alguma coisa, explique-lhe como pensa que se poderia abordar o problema. Tente encontrar uma estratégia que reúna o acordo de ambos. Caso o/a seu/sua coordenador(a) o/a proíba explicitamente de intervir perante as situações de agressão homofóbica entre dois alunos específicos, não desafie as suas directivas. Fale com a associação de professores a que pertence.

Ao contrariar uma directiva explícita pode estar a pôr em causa o seu emprego, o que não é recomendável. Se, por outro lado, a conversa chegar ao fim sem que o/a seu/sua coordenador(a) assuma uma posição clara, e se por acaso é gay, lésbica ou bissexual, aconselho-lo/a a, se achar melhor, encontrar uma forma de se opor à homofobia que não lhe exija assumir-se em relação à sua orientação sexual.

Em suma...

Legal e eticamente, um professor tem de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para evitar as perseguições e as agressões a jovens considerados homossexuais ou bissexuais. Vê-lo/a impor-se contra essas agressões fará com que todos os jovens, sejam eles homossexuais ou heterossexuais, se sintam mais seguros na escola. E os alunos só podem aprender quando se sentem em segurança.

Fonte: "An Educator's Guide to Intervening in Anti-Gay Harassment". Safe Schools Coalition. <http://www.safeschoolscoalition.org>. (Traduzido e Adaptado)

Para proteger e apoiar um(a) jovem alvo de agressão verbal ou física, deve:

garantir ao/à estudante agredido(a) que:

- considera que o que aconteceu é muito sério;
- acredita que ele/ela merece um ambiente de aprendizagem seguro;
- não se espera que ele/ela fale directamente com o agressor, mesmo com um mediador presente (a agressão baseada em preconceitos é bastante diferente dos conflitos normais entre colegas).

oferecer ao/à estudante agredido(a):

- primeiros socorros, se necessário, e uma sala privada onde possa recuperar e telefonar, se assim o entender, aos pais, encarregados de educação ou qualquer outro adulto responsável (exemplo: psicólogo, director espiritual...), ou mesmo à polícia;
- a oportunidade de contar a sua versão do que se passou;
- formas possíveis de resolver o problema e de se proteger no futuro, deixando, no entanto, muito claro que não o/a considera culpado(a) pelo que aconteceu;
- a possibilidade de evitar situações de perigo (desistir da aula em que é agredido(a), mudar de escola, etc.), advertindo-o/a, todavia, que estas opções podem contribuir para o seu isolamento social, o que acabará por ser mais um castigo do que uma protecção.
- afastar os agressores do contexto de confronto (transferindo-os para outra turma ou para outra escola, impedindo que frequentem os transportes escolares, etc.).
- garantir a presença de auxiliares de acção educativa nos locais onde as agressões são frequentes (por exemplo, no corredor sul, antes e depois de almoço, ou junto ao campo de basquetebol, etc.).
- encorajar o/a estudante agredido(a) a fazer queixa de retaliações, no caso do/da agressor(a) ter sido castigado(a), mas também tentar que os auxiliares de acção educativa estejam atentos para, caso haja retaliações, também eles possam fazer queixa.
- registar a ocorrência no processo do/da estudante agredido(a), se ele/ela concordar, e no dos agressores, caso tenha sido aplicada alguma sanção disciplinar. Para além disso, faça relatórios deste tipo de ocorrências e archive-os num mesmo dossier, de forma a poder identificar padrões de comportamento e resolver problemas que se vêm arrastando.

Para averiguar o que se passou exactamente, deve:

- falar com todas as testemunhas, bem como com os protagonistas, de forma a que, se os agressores forem sancionados, o/a estudante agredido(a) não seja o/a único(a) a ser responsável pela denúncia.
- pedir a intervenção da polícia, se pensa que é possível que tenha havido crime (incluindo agressão maldosa), ou dos Serviços de Protecção de Menores, especialmente se considerar que há jovens em risco de sofrer futuras agressões.

Para disciplinar e educar os agressores, pode:

- explicar-lhes porque é que, para além de constituir uma violação das regras, o seu comportamento é errado.
- repreendê-los em tom sério.
- avisá-los de que, se o seu comportamento se mantiver, serão castigados.
- exigir-lhes que escrevam um pedido de desculpa, que paguem uma indemnização ou que façam serviço comunitário.
- castigá-los em conformidade com as medidas habitualmente tomadas em relação a outras formas de agressão (por exemplo, se para além de agredir a vítima, o/a agressor(a) também a ofendeu verbalmente com termos de conotação negativa, este pode ser castigado, não só pela agressão,



mas também por ter sido verbalmente insultuoso, estando sujeito ao mesmo tipo de medidas usadas para sancionar ofensas de carácter religioso, racial ou de alguma forma discriminante).

- chamar os pais ou encarregados de educação, se os agressores forem alunos.
- encaminhá-los para acompanhamento psicológico, se os agressores forem funcionários da escola e usar medidas disciplinares progressivas, se o seu comportamento não melhorar.

De forma a apoiar o pessoal escolar, deve:

assegurar todos os funcionários agredidos que:

- considera que o que aconteceu é muito sério;
- acredita que ele/ela merece um ambiente de trabalho seguro;
- vai fazer tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que a escola passe a ser local mais seguro para ele/ela;
- não tolerará retaliações por ele/ela ter denunciado o que se passou.
- ter em conta apenas o profissionalismo e competência dos funcionários como critério para trabalhar na escola e afirmá-lo perante qualquer estudante, colega ou pai que considere que o facto de alguém ser homossexual é impeditivo do bom desempenho em determinado cargo.
- dar formação contínua ao pessoal escolar, de modo a reforçar a política da escola em relação a agressões.
- apoiar os funcionários que façam cumprir a política da escola no que respeita a agressões, tomando bem claro para qualquer estudante agressor(a) que as regras enunciadas por um determinado professor (secretário, psicólogo, ...) são, de facto, as regras da escola e são para cumprir.

Para evitar futuros incidentes, deve:

- anunciar todos os anos uma política anti-perseguição forte (que proíba explicitamente a homofobia e outros tipos de abusos, perseguições e agressões de origem discriminatória, enunciando as consequências concretas do desrespeito dessa proibição) nas reuniões e assembleias de estudantes, todos os anos.
- educar o corpo discente de forma a que, ainda que este não defenda a homossexualidade, não seja indiferente relativamente às perseguições e agressões homofóbicas. A educação deve desmontar estereótipos, veicular conhecimentos objectivos e fomentar nos alunos a capacidade de se defenderem a si próprios e aos seus colegas, de forma não violenta.

Para assegurar o cumprimento de uma política consistente e agressiva, deverá:

- informar o seu/sua superior(a) hierárquico (superintendente, direcção regional, presidente do conselho administrativo da escola, ou a pessoa a quem tem de prestar contas) de infracções sérias às políticas contra a agressão vigentes na sua região educativa, especialmente se aplicar medidas disciplinares e recear que as suas decisões sejam desafiadas. O seu superior hierárquico só o/a poderá apoiar se compreender bem as suas averiguações e conclusões.

Em suma ...

Legal e eticamente, deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para impedir a agressão e a perseguição de alunos e funcionários da escola, incluindo aqueles que são considerados gays, lésbicas ou bissexuais. Os professores só podem ensinar e os alunos aprender se sentirem em segurança.

Fonte: "An Administrator's Guide to Handling Anti-Gay Harassment". Safe Schools Coalition. <http://www.safeschoolscoalition.org>. (Traduzido e Adaptado)



FICHA TÉCNICA

Coordenação Rita Paulos da Silva

Tradução Manuel Abrantes, Paulo Costa, Pedro Gonçalves, Rita Paulos da Silva e Soraia Tavares

Revisão Elsa Nunes, Idalina Baptista, Paula Antunes, Paulo Côrte-Real, Rita Paulos da Silva, Rita Rodrigues, Sara Martinho, Sara Mendes e Telmo Fernandes

Design e Ilustração Sara Corceiro

Edição rede ex aequo - associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes

Impressão SocTíp S.A.

1ª Edição 5.000 exemplares Novembro de 2005

ISBN 972-99708-1-5

Depósito Legal



Rua S. Lázaro 88, 1150-333 Lisboa
Telefone 96 878 18 41
Email geral@rea.pt
Website <http://www.rea.pt/>

Apoio

